

AFONSO DE E. TAUNAY

Alto, alourado, de olhos azuis e gestos fidalgos, que lhe comprovavam a ascendência paterna, dir-se-ia singular nórdico extraviado em ambiente tropical. Mas, a procedência materna, de lídima cêpa lusa, enraizada na terra brasileira, incutiu-lhe o amor às suas peculiaridades e à gente que as valoriza, com o seu trabalho porfiado.

Iria celebrar-lhe os feitos, quando se lhe deparasse oportunidade, como fervoroso estudioso de suas façanhas.

De comêço, porém, nenhum indício veemente denunciava os pendores que o extremassem entre os contemporâneos.

Filho de ALFREDO d'ESCRAGNOLLE TAUNAY e de D.^a CRISTINA TEIXEIRA LEITE, que provinha dos barões de VASSOURAS, AFONSO nasceu, a 11 de julho de 1833, na cidade de N. S. do Destêrro, como se chamava, por essa época, Florianópolis, capital da província de Santa Catarina, cuja presidência fôra confiada a seu então prestigioso pai.

Era major de engenheiros, que lecionava mineralogia e geologia na Escola Militar. Conquistara a fama de herói na expedição a Mato Grosso, donde trouxera dois livros garantidores do seu renome: "A Retirada da Laguna", impressionante narrativa militar, e "Inocência", idílio campesino, a que deveu a glória literária de romancista. Para se consagrar às atividades eleitorais, pediu, em 1885, demissão do serviço do Exército, com pesar dos colegas, que lhe prezavam o convívio.

Deputado, sem tardança, em mais de uma legislatura, candidatou-se à vaga do barão de LAGUNA, senador por Santa Catarina.

Incluído na lista tríplice, em primeiro lugar, viu-se, a 28 de agosto de 1887, premiado pela escolha imperial, realçada, mais tarde, pelas Erasões de visconde de TAUNAY com grandeza.

Em breve período, porém, gozou os privilégios conseguidos, que soçobriariam, com tôdas as suas aspirações mólíticas, ao ruir irremediavelmente a Monarquia em 1889.

No ostracismo imperturbável, em que se refugiou voluntariamente, despiciu-se do revés no convívio das artes e das letras. Devotou-lhes ardosamente ao culto, para compensar o malôgro de operações financeiras durante o "Encilhamento", cujo exame lhe inspirou perspicaz ensaio.

Quaisquer que fôssem, porém, as suas preocupações, na fase fecunda de reformas sociais, ou na relativa tranqüilidade, em que minguraram as rendas, jamais se descuriou da educação do primogênito, a quem ansiava por transmitir benefícios análogos aos que recebeu dos seus pais, empenhados em desenvolver-lhe o gôsto artístico, característico da família, e amor à ciência.

Escolheu os mais afamados colégios que pudessem atender-lhe às aspirações, além de explicadores particulares, e completava os ensinamentos com as lições domésticas, do exemplo contínuo de aplicação aos livros.

E de tal maneira o jovem se devotou aos estudos que, mais tarde, recordaria o seu parainfo na Academia de Letras, nada menos que E. ROQUETE PINTO, "pois não é certo que realizais tôdas as manhãs o vosso momento musical, dedilhando SCHUMANN, CHOPIN, SILVIO DINARTE ou FLÁVIO ELÍSIO, tendo na estante, diante dos olhos, no lugar da pauta, um jornal diário a cuja leitura procedeis, enquanto a melodia se desprende das vossas mãos fidalgas?"

Se assim se avantajou no amor à arte, cultivada a primor, como descendente de uma constelação de artistas, não menor entusiasmo consagraria aos encargos, que lhes tocassem.

Espontaneamente, ou talvez por sugestões bem acolhidas, não seguiu a carreira das armas, que porventura o seduziria, antes da queda do Império, causadora de irremediáveis desgostos e desilusões ao autor de "Retirada da Laguna", que desprezou as vantagens e prestígios adquiridos por seus incomparáveis serviços em campanha.

Abriu-se, porém, outra possibilidade de não se afastar demasiado da trajetória paterna, que também se distinguiu como engenheiro militar.

Seguir-lhe o exemplo na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, atual Escola Nacional de Engenharia.

Aí se formou em Engenharia Civil, na alvorada alvissareira do século, quando já não lhe poderia valer o prestígio do visconde, desaparecido a 25 de janeiro de 1889, aos 56 anos de idade.

Como colegas, arrolaria ARTUR MOTA, AUGUSTO DE BRITO BELFORD ROXO, HEITOR SAIÃO DE BUSTAMANTE, e mais quarenta e cinco jovens, que se extremariam na prática da profissão, no magistério, e em outros ramos de atividades, apesar das restrições da época, impostas pela política financeira de economia a todo transe.

AFONSO DE E. TAUNAY, que iniciara a vida em Santa Catarina, e no Rio de Janeiro, Petrópolis esmeradamente se educara, iria completar a sua individualidade em São Paulo, cuja Escola Politécnica lhe requisitou a competência.

Professor substituto e desde 1910 catedrático de Física Experimental, desenvolvia a preceito as suas obrigações docentes, quando, inesperadamente o convidou o presidente ALTINO ARANTES para missão na aparência destoante de suas inclinações conhecidas.

Indiretamente, em consequência da guerra européia, que separara em campos de luta opostos a sua terra natal e a adotiva, julgou-se incompatibilizado para continuar em cargo oficial de confiança o sábio alemão HERMANN VON IHERING, filho do famoso civilista de igual apelido.

Demitiu-se da comissão no Ipiranga, onde imprimira, desde a fundação, o cunho de Museu de Ciências Naturais, especialmente zoologia, ramo em que pontificava, como autoridade universalmente acatada.

Não era peculiarmente um organismo brasileiro, embora exhibisse coleções interessantes de sua fauna, a cuja coleta se entregavam os naturalistas viajantes.

A "Revista do Museu Paulista", que publicava, desde 1895, acolhia pesquisas sobre Botânica, Zoologia, Paleontologia, Arqueologia, e também História, em proporções mais modestas. Como se destinava aos especialistas, não tardou a adquirir renome, com se fôra órgão de entidade científica, devotada principalmente aos ramos de suas preferências, em que se aprofundara o saber do demissionário.

Nomeado para lhe ocupar a vaga, o Dr. ARMANDO DA SILVA PRADO em curto prazo verificou ser-lhe impossível conciliar as suas obrigações profissionais com a chefia que lhe coubera de surpresa. E, então, para substituí-lo, recorreu o governo do estado ao professor, que apenas tinha levado aos prelos "Leonor de Ávila", romance histórico, indicativo da vocação de pesquisador, que se apuraria oportunamente.

Enviara ao Instituto Histórico expressivo ensaio "A Missão Artística de 1816", que lhe valeu o prêmio D. Pedro II, concedido em sessão de 20 de outubro de 1917.

Por maiores gabos que merecesse, entretanto, a memória, era apenas reduzida amostra do que elaboraria o autor, a quem o estabelecimento do Ipiranga propiciou ensejo de revelar a pujança dos seus talentos de historiador sagaz e administrador progressista.

Identificado inteiramente com o Museu Paulista, que dirigia a primor, apressou-se em nacionalizá-lo.

Apoiado pelo governo estadual, o novo diretor, acorde com os ensinamentos da História, não tardou em conseguir, desde 1918, "as duas primeiras salas consagradas à tradição paulista no Ipiranga", de que não cogitara a chefia anterior. Depois, mais oito novas lhe alargaram a área, ao mesmo tempo em que se procedia à decoração do edifício, antes vazio das "pinturas e estátuas que a arquitetura reclamava".

Para maior incentivo das reformas empreendidas, o governo criou, por sugestões suas, a seção de História, indicativa das diretrizes adotadas pelo incansável dirigente que, a propósito, lembraria mais tarde "a ocorrência das festas centenárias de 1922 e o poio do tradicionalismo veemente do presidente WASHINGTON LUIS permitiram a realização de um projeto que me era sobremodo caro: a decoração simbólica do palácio do Ipiranga, alusiva à unidade e ampliação do Brasil, através do envolver de seus quatro séculos e a instalação condigna da seção de História de São Paulo".

Quanto mais se abrangeava o Museu, pelo arranjo racional e artístico de suas coleções expostas à apreciação dos visitantes, mais se esforçava o seu dedicado diretor por evocar as cenas passadas e os personagens que tiveram a sua fase de cooperação fecunda para o engrandecimento do país, assim territorial como cultural.

Se não era dado a todos os interessados o ensejo de examinar os espécimes reunidos no Museu, por se acharem distantes da capital, a sua curiosidade seria atendida mediante providência de outra espécie, que também lhes comprovasse os feitos dos seus antepassados.

Iria o providente colecionador facilitar-lhes meios de possuir em sua própria casa todas as informações que desejassem acerca das esforçadas gerações de desbravadores dos sertões bravios.

A opulência das publicações que empreendeu, em ritmo crescente, evidenciaria o labor desenvolvido, especialmente no tocante ao passado. Um brotaram do esforço coletivo, como os "Anais do Museu Paulista", que fundou, da série cujo tomo inicial abrolhou em 1922, comemorativo do "Primeiro Centenário da Independência Nacional", para maior proveito dos pesquisadores a quem proporcionou contribuições de inequívoca expressão.

Para lhes realçar a valia, obteve cópia de documentos de arquivos espanhóis e portugueses, que pela primeira vez vieram a lume.

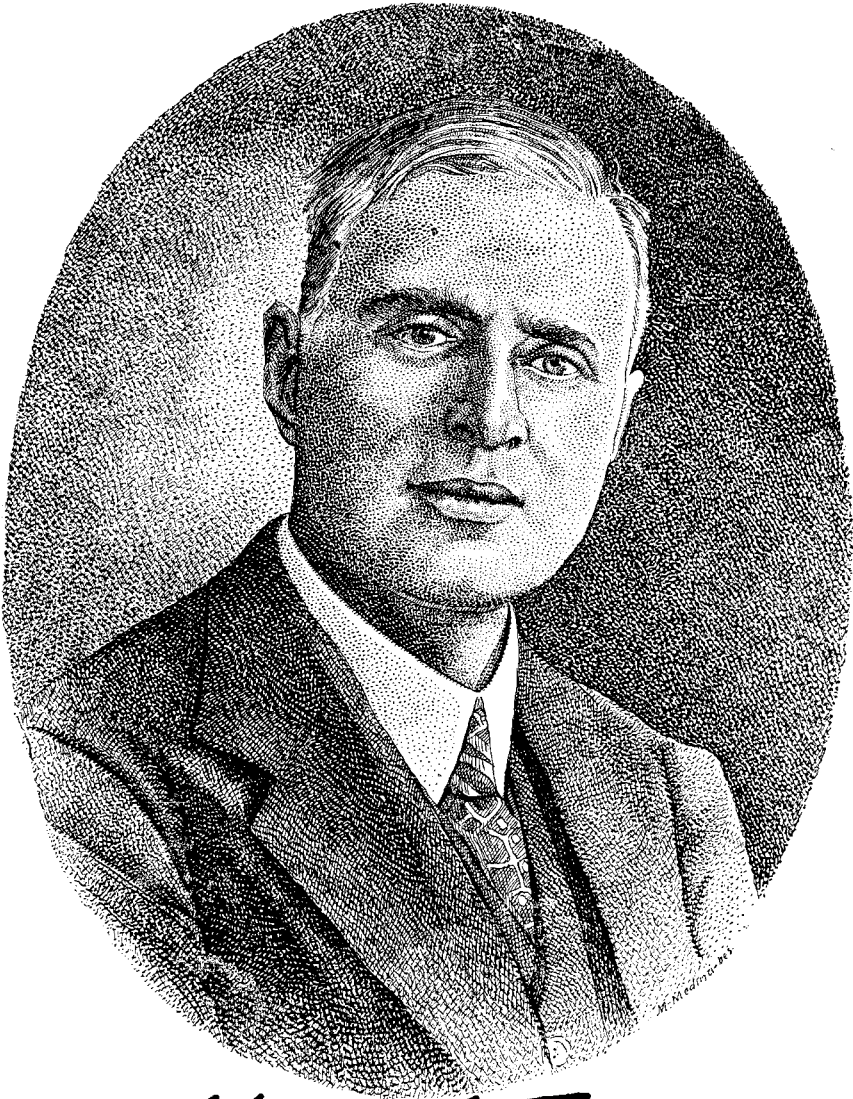
Provinham as outras, em maioria, da exuberância intelectual do historiador, que parece ter-se expandido no ambiente estimulador do Museu, que ele próprio remodelou, moldando-o ao seu feitio.

A "Grandes Vultos da Independência Brasileira", juntaram-se ensaios inúmeros, cuja simples relação apontaria mais de uma centena de verbetes. Entre as demais, duas obras sobrelevam, garantidoras da imortalidade do autor. Trata a primeira da "História Geral das Bandeiras Paulistas", cujos onze tomos esmiuçaram os feitos e andanças dos sertanistas, que devassaram a maior porção do território nacional.

Estudo metódico da dilatação do Brasil pelos ousados mameucos de Piratininga, em atrevida marcha para o Oeste e o Sul, além do meridiano pactuado em Tordesilhas. Ampara-se em fidedigna documentação, sagazmente interpretada.

O diretor, sem sair do seu gabinete de estudos, sabia onde poderia, mediante o concurso de prestimosos colaboradores, colher elementos para as suas deduções certas. E, destarte, compôs admirável panorama, sem prejuízo de outros quadros menores, que simultaneamente executara.

Rompera de suas páginas as surpreendentes paisagens de um Brasil ainda mergulhado nas sombras do mistério, que só os nativos em parte conheciam.



Afonso de E. Tauney.

Refere-se a outra à "História do Café no Brasil" e articula-se com a geografia econômica, por se tratar do maior fator de prosperidade das regiões em que veio a rubiícea trazida de Catena. Relembrou-lhe a origem da importação das primeiras sementes e o ensaio do cultivo em Belém, donde se transportou para o Rio de Janeiro.

Considerada, de princípio, como planta de jardim, a que não faltavam cuidados especiais, a pouco se expandiu pelas circunvizinhanças, até ganhar o vale do Paraíba, onde medrou, pujante, como fonte de riqueza maravilhosa.

Sem embargo algum, alcançou o Tietê, que lhe propiciou condições incomparáveis de florescimento, quando Campinas se ufanou com o título de "Capital do Café", mais tarde transferido para Ribeirão Preto.

O Brasil dominava, sem dúvida, o mercado, até que a superprodução inspirasse aos governantes interessados o "Convênio de Taubaté", que o historiador analisa, em suas várias fases, com as estatísticas em mão.

E acompanha-lhe as peripécias das oscilações de preços até a atualidade, para completar os quadros que elaborou da lavoura mais afamada do Brasil, com as suas ascensões estonteantes e declínio desanimador.

Que pretender conhecê-la, encontrará nos 15 volumes da "História do Café no Brasil" quanto lhe possa atender às indagações.

Também, a "História Seiscentista da Vila de São Paulo" alargou-se por quatro tomos, como a provar que não havia assunto de somenos importância para o ensaísta arguto.

Sem levantar mão dos estudos do bandeirismo, em que se tornou autoridade reverenciada pelos sabedores, a curiosidade insaciável impeliu-o a indagações lingüísticas, explanadas em "Léxico de Lacunas" — "Vocabulário de Omissões" — "Coletânea de Falhas" — "Reparos ao Dicionário de Cândido de Figueiredo" — "Insuficiência e Deficiência dos Grandes Dicionários Portugêses" e outras contribuições, que lhe espelhavam a amplitude dos conhecimentos do idioma pátrio.

Em tudo quanto examinasse, não deixaria dúvida por esclarecer, como demonstrou em eruditas monografias acerca de BARTOLOMEU DE GUSMÃO e a sua prioridade aerostática, "Visitantes do Brasil Colonial, Séculos XVI a XVIII" — "Subsídios para a História do Tráfico Africano do Brasil Colonial" — "Viagens na Capitania das Minas Gerais" — "A Glória das Monções" — "Ensaio de Bibliografia referente ao Brasil e às Ciências Naturais" — "Terra Bandeirante" — "Em Santa Catarina Colonial" e nas biografias de FERNÃO DIAS PAIS LEME, BARTOLOMEU PAIS DE ABREU — AMADOR BUENO — AUGUSTO C. TELES — NICOLAU A. TAUNAY — PEDRO TAQUES — MARTIM FRANCISCO III e outros vultos notáveis.

Embora mais de uma contribuição incluída em sua opulenta bibliografia evidencie interesse geográfico, patente na "História Geral das Bandeiras Paulistas" e na "História do Café no Brasil", duas há que mais intimamente se articulam com a geografia. A "Coletânea de Mapas da Cartografia Paulista Antiga" (1922) enfeixa nove cartas, "acompanhadas de breves comentários", em que realçou os méritos das peças até essa data conservadas inéditas.

De mais a mais, não tardou a planear e dirigir a execução do "Ensaio da Carta Geral das Bandeiras Paulistas" (1926).

Assim, para interpretar cartograficamente o que escrevera na "História das Bandeiras", sintetizou em uma só folha, desenhada de acordo com as suas indicações, a avançada perseverante dos sertanistas, que palmilharam a hinterlândia, até esbarrarem no vale guaporeano.

Apesar de ter aplicado o seu esforço intelectual a vários ramos dos conhecimentos humanos, jamais descambou para a vulgaridade mediana. E sempre desenvolveu espantosa atividade, que maravilha como pudesse resultar das contribuições de uma só pessoa, deuta em ciências físicas e materiais, belas artes, especialmente música, museologia, além de geografia e história, em que lhe coube o primado, ao sucumbir o seu venerando professor CAPISTRANO DE ABREU.

Destoante, neste particular, do acatado mestre, que não escreveu quanto solicitavam os seus admiradores, AFONSO DE TAUNAY não se poupou a nenhuma fadiga para avolumar a bibliografia brasileira com obras comprovadoras do seu saber.

Já octogenário, ainda contribuía com os seus escritos para provar que a idade não lhe esmoreceu a lucidez do espírito nem a memória, que lhe garantia a retenção das informações colhidas em suas incessantes indagações.

E ao baquear, a 20 de março de 1958, legou à posteridade o exemplo edificante de um pesquisador sobranceiro ao cansaço, que sabia conservar cativante lhanza de trato, que lhe atraía amigos de várias categorias, em meio das mais graves dificuldades.

Certo, mereceu, as homenagens da "Revista", nestas páginas dedicada aos grandes vultos da Geografia.

VIRGILIO CORRÊA FILHO